FENOMENOLOGIA

Desvendando formas-pensamento

Um dos principais temas de estudo nas escolas de iniciação e que vem sendo bastante desenvolvido nas obras de ocultismo, é sobre a natureza e o poder das formas-pensamento. Definem o pensamento como o resultado das vibrações da matéria dos corpos invisíveis do homem. Tal como acontece a todas as vibrações, elas se transmitem no meio que lhes é próprio. A diferença entre as ondas produzidas pelo som e as que se originam do pensamento, está em que estas se propagam por dimensões desconhecidas no mundo físico. A medida que a onda se afasta do seu ponto de partida, vai diminuindo seu poder, porém, as do pensamento alcançam uma distância incomparavelmente maior que as emanadas de qualquer outra fonte. quanto à natureza e vitalidade, depende de vários fatores, entre os quais está a espécie da matéria que os produziu. Emitidos pelo intelecto de um homem vulgar, sua potência é limitada nos mundos em que devem agir, devido, principalmente, a se projetarem em planos onde turbilhonam milhões de pensamentos da mesma natureza inferior que, de certo modo, logo anulam seus efeitos. Emanados, porém, de homens superiores, encontram campo mais livre que lhes permite atingir grandes distâncias e permanecer ativos durante muito tempo. Quando dirigido por uma forte vontade, o pensamento é sempre uma entidade viva, capaz de realizar a idéia que lhe deu origem. Conscientemente projetado em determinada direção, por mais distante que esteja o objeto visado, age tão eficazmente como se o indivíduo que o emitiu estivesse presente. Todas as vezes que o homem pensa num objeto qualquer, sua imagem aparece antes de tudo na aura de seu corpo mental. O clarividente que "adivinha" nosso pensamento apenas "vê" suspensa diante de nós a imagem daquilo em que pensamos, seja uma pessoa, uma casa, uma paisagem ou qualquer outra coisa. O pintor que vai executar um quadro, o escritor que imagina um romance, o arquiteto que planeja uma construção, antes de objetivarem no mundo físico suas concepções, já as têm realizadas nos seus corpos mentais. São formas-pensamento que persistem, tornando-se contrapartes invisíveis daquelas obras de arte, e os sentimentos ou emoções que inspiraram seus autores exercerão sua influência até mesmo em gerações futuras que delas se aproximarem. Um curioso fenômeno a que estão sujeitos todos os artistas, principalmente os romancistas e dramaturgos, pode provar o poder das formas-pensamento: criadas no plano mental as personagens de que se vão utilizar para a realização de suas obras, é muito comum que o autor, à medida que escreve seu trabalho, note com espanto, e sem achar para o fato uma explicação plausível, que a ação se vai desenrolando de maneira muito diferente da que ele havia concebido.

ECOLOGIA

Ursos e lobos da Noruega

Desde maio de 1973 está em vigor uma decisão do governo norueguês que proíbe a caça aos ursos e lobos na parte Sul do país. Essa decisão destina-se a preservar as principais espécies animais em vias de extinção na parte Sul da Noruega. A mesma decisão oficial também proíbe a caça aos volverines de pêlo valioso, e estipula multas pesadas para quem matar linces durante a época da reprodução. Segundo um estudo recente do governo da Noruega restam apenas 15 ursos no país e devido à ação dos caçadores seu número não aumentou nos últimos anos. Os lobos são menos de cem e o número total dos volverines foi avaliado entre 100 e 150. A caça a estes animais ainda é permitida na região Norte do país, mas apenas durante um curto período e os caçadores ficam proibidos de utilizar aviões ou trenós mecânicos na perseguição aos animais. Também foi oficialmente abolido o antigo incentivo ou prêmio pago pelas autoridades pela morte de cada volverine. Aquele prêmio datava da época em que esses pequenos animais

eram muito abundantes e causavam estragos aos criadores de galinhas e pastores de ovelhas. A única exceção que permite a morte aos ursos foi aberta pelas autoridades da província de Finnmark: se um urso atacar seguidamente animais domésticos ele será perseguido e se necessário morto por um caçador profissional licenciado pelo governo. Com todas essas restrições o governo de Oslo pretende proteger a fauna do país e restabelecer o equilíbrio ecológico ameaçado pela extinção de certas espécies.

FÍSICA

Outra teoria para a matéria

Quando morreu, Albert Einstein trabalhava numa Teoria dos Campos Unificados, com a qual esperava equacionar a relação entre as principais forças que atuam no universo. Mais recentemente, há cerca de dez anos, outro físico famoso, o alemão Werner Heisenberg, propôs uma teoria semelhante à comunidade científica internacional, mas suas idéias não foram aceitas por todos. Agora, finalmente, após dois anos de trabalho, os cientistas do CEIN — Centro Europeu de Investigações Nucleares — parecem ter conseguido as primeiras provas práticas de que o velho sonho pode se transformar numa realidade Segundo suas observações, a chamada "força débil" do átomo seria apenas uma forma de eletromagnetismo. A hipótese de que a "força débil" do átomo é apenas um aspecto do eletromagnetismo foi lançada simultaneamente pelo norte-americano Steven Weinberg, do Instituto Tecnológico de Massachusetts, e pelo paquistanês Ardus Salam, professor do Colégio Imperial, de Londres. Segundo esses dois cientistas, a subpartícula atômica conhecida como neutrino só deveria reagir diante de "forças débeis" E os técnicos do CEIN chegaram a essa mesma conclusão depois de analisar mais de um milhão de fotografias tomadas em seus laboratórios. A descoberta — dizem eles — apóia a Teoria Weinberg/Salam, mas ainda não há certeza absoluta, na atual etapa das investigações, de que essa interpretação seja a correta. Para verificar a exatidão da teoria os técnicos do CEIN produziram neutrinos e os injetaram numa câmara de experiências, fotografando a trajetória das partículas. Um cientista do CEIN explicou que eles "procuravam fotografar algo que não estava ali". Gastaram-se dois anos examinando as fotografias. O neutrino não tem massa, não tem carga elétrica e é invisível, mas deixa um rastro brilhante dentro das chamadas câmaras de bolhas, e esse rastro pode ser fotografado. No fim ficou provado que o neutrino não reage diante das chamadas "forças fortes", forma de energia que mantém a coesão do átomo. A nova descoberta permitirá estabelecer definitivamente e sem sombras de dúvida que existe uma relação entre o comportamento dos neutrinos e as "forças débeis". E através dessa relação encontrar uma fórmula matemática que explique os fenômenos universais, relacionando as "forças fortes", as "forças débeis", o eletromagnetismo e a gravidade.

ASTRONÁUTICA

Gentilezas científicas

A União Soviética devolveu aos Estados Unidos uma cápsula com instrumentos de fabricação norte-americana que caiu na Sibéria. A cápsula de 450 kg pertencia a um grande balão de pesquisa que fora lançado pela NASA de Forth Churchill, no Canadá, no dia 15 de julho, para analisar a penetração dos raios cósmicos na alta atmosfera. O grande balão plástico, cheio com 12 milhões de metros cúbicos de hidrogênio, subiu corretamente até a altitute prevista (50 km) e começou a gravar as medições. Mas falhou quando recebeu da Terra um sinal de rádio para lançar de pára-quedas sua cápsula científica com as valiosas informações. Isso deveria ter ocorrido na região oriental de Manitoba. Durante alguns dias os cientistas da NASA ainda puderam acompanhar os sinais de rádio enviados pelos aparelhos do balão, mas acabaram por perdê-los completamente quando o ba-

lão voava rumo à União Soviética, levado pelos fortes ventos que sopram àquela altitude. A cápsula caiu finalmente no Norte da Sibéria, e foi recuperada por uma expedição da Academia de Ciências para atender a um pedido do dr. John Naugle, da NASA, a seu colega soviético dr. Boris Petrov. Apesar de não ter caído na região prevista, e de ter ficado várias semanas exposta ao mau tempo e ao frio, a cápsula parecia estar em bom estado quando foi encontrada pela expedição soviética. Seguiu imediatamente para os Estados Unidos, de avião, e agora os técnicos da NASA trabalham na análise das medições feitas por seus instrumentos. Uma cópia dos resultados obtidos será enviada aos cientistas espaciais soviéticos.

OS MORTOS FALAM

Se você leu no número 18 de **Planeta** a reportagem sobre os estudos de Friedrich Juergenson, leia sem demora seu livro TELEFONE PARA O ALÉM.

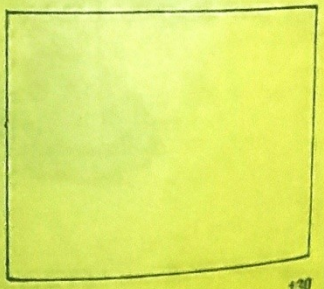
Estabeleça contacto com o outro mundo usando um simples gravador. TELEFONE PARA O ALÉM explica o modo de fazê-lo.

Procure na livraria mais próxima ou peça pelo Reembolso Postal à Editora Civilização Brasileira, Rua da Lapa, 120 - 12.° - Rio de Janeiro, GB.

FÍSICA

Gotas que não submergem

Desde a antiguidade, a água atrai a curiosidade dos homens de ciência. Para a maioria das civilizações antigas a água constituía um dos quatro elementos básicos da natureza. E a cada dia que passa os cientistas ficam mais convencidos de que o velho conceito tem muito de verdade: foi nos mares que surgiu a vida terrestre, e é para eles que se volta agora o homem, em busca de alimentos, de combustíveis e de matéria-prima para usinas termonucleares. Por isso, somas cada vez mais importantes são aplicadas no estudo da água e de suas estranhas propriedades. Uma dessas experiências incríveis foi recentemente anunciada pelo prof. Gerard Schol, catedrático de Física da Universidade de Drachten, na Holanda. Schol aperfeiçoou um aparelho que produz gotas d'água insubmergíveis; gotas que não afundam na própria água. Desde os tempos de Kelvin a ciência sabia que utilizando um poderoso gerador eletroestático é possível desenvolver potencial elétrico de milhares de volts numa única gota d'água. Agora o prof. Schol aplicou essa propriedade para produzir gotas que flutuam sobre a água. Ele ligou um gerador elétrico a um vaso d'água destilada e aplicou cargas de até mil volts num elétrodo colocado junto à superfície. Depois instalou um pequeno bico capaz de lançar centenas de gotinhas em trajetória quase paralela à superfície. Dependendo da carga aplicada, as gotas deslizam, aglomeram-se ou desviam-se, seguindo na superfície trajetórias que são motivo de novas pesquisas do cientista holandês. A maioria dos glóbulos sobrevive durante cerca de 15 segundos, antes de misturar-se ao resto da massa líquida e desaparecer — explicou o professor. — Seu diâmetro varia de um a cinco milímetros e aparentemente é o menor que tem duração mais longa. Eu acredito que a destruição dos glóbulos maiores deve ser atribuída a minúsculas partículas de poeira flutuantes, que perfuram a camada externa da molécula do glóbulo, abrindo caminho para que a água de dentro se escoe. As experiências do prof. Schol podem ter grande importância para o desenho de um sistema capaz de reduzir o atrito do casco dos navios contra a água, facilitando o seu movimento.



O anunciador da catástrofe

Antônio Pimenta foi um famoso curador do município de Muaná (PA). Um caso de premonição fez com que ele salvasse sua família. Caso narrado pela dra. Jandira Daibes e enviado por Wilson Amanajás.

Apesar de inculto, Antônio Pimentel era dotado de potencialidades surpreendentes. Conhecedor de todas as ervas da região, não raro, após examinar um paciente, ele receitava um remédio moderno que só poderia ser encontrado em Belém. Em uma região onde os médicos formados são raros, os farmacêuticos e os curadores gozam de grande popularidade. Antônio era procurado inclusive por pessoas dos municípios vizinhos. Certo dia, porém, a doença atacou o próprio Antônio. Chamou a mulher e — procurando não dramatizar — anunciou sua própria morte. A mulher ouviu tudo calada. Depois, o marido pediu que ela partisse daquele lugar imediatamente após sua morte. A mulher não entendeu o pedido. Por que sair de uma propriedade que lhes pertencia? Eles tinham uma pequena casa, na beira do rio, com uma pequena horta nos fundos (suficiente para a família) e toda cercada de mata. Por que ela teria que abandonar o que tinham construído com tanto sacrifício? Antônio, percebendo que a mulher seria irredutível nesse ponto, pediu que ela jurasse que abandonaria o local: era o último pedido de um moribundo. A mulher não podia negar. Jurou. Pouco depois, Antônio morreu. O enterro foi realizado com a presença de muitos amigos. O luto — como é costume no Norte — durou sete dias, acompanhado de rezas e ladainhas. No oitavo, a mulher pegou suas roupas e alguns objetos e partiu para a casa de um parente, acompanhada pelos filhos. Naquela mesma noite um forte temporal caiu sobre o município de Muaná. As águas abandonaram o leito do rio e invadiram o pontão onde Antônio tinha vivido com sua família. A casa foi destruída e a plantação arrasada.

Pegadas enormes na Paiol Velho

O que aconteceu na fazenda Paiol Velho não tem explicação. O alarma foi dado pelas crianças e os adultos tiveram que tomar uma decisão. Caso narrado por Nelbe Barbosa (GB), que assistiu a tudo.

A família Barbosa residia na fazenda Paiol Velho desde a sua fundação, em 1887. Tendo como sede um velho casarão colonial, construído no topo de uma montanha, essa fazenda está muito bem localizada e fica a apenas 20 km da cidade de Pati do Alferes. Na noite de 7 de janeiro de 1972, os adultos estavam na sala e as crianças nos quartos: as meninas ouviam discos e os meninos conversavam. A noite estava calma até quando Leonardo gritou: "Kiko, venha ver. Venha correndo". Kiko foi até a janela e ainda teve tempo de ver algo se balançando, debaixo da goiabeira. Todos correram para o quarto, mas não viram nada. Um empregado saiu para o quintal, com uma lanterna e acompanhado pelo cão policial que guarda a fazenda. Alguns minutos depois, voltou muito nervoso. Disse que não tinha nada, apenas umas pegadas enormes, debaixo da goiabeira. Essas pegadas eram de um animal que ele não conhecia. A família procurou acalmar as crianças, dizendo que não

era nada. Uma hora depois, como nada mais acontecera, todos foram dormir. Na manhã seguinte a família foi acordada pelo empregado, muito assustado. As pegadas que ele tinha visto no quintal estavam também dentro de casa. O animal tinha invadido a residência, passeado pela casa toda, parando apenas nas portas dos quartos. O mais estranho é que o cachorro não tinha latido uma única vez naquela noite. A primeira providência foi mandar as crianças para a cidade. Uma semana depois os adultos também se mudaram. Apenas os empregados ficaram. A fazenda se encontra do mesmo jeito até hoje: praticamente desabitada.

Grande adeus, não o último

Ao contrário da maioria dos casos de aparições, este caso — narrado por um médico, o dr. Idolindo Daibert — não possui medo nem cenas de terror. Uma história cheia de ternura e amizade.

"Há oito anos, quando comecei a trabalhar como ortopedista estagiário do Pronto-Socorro Municipal de Juiz de Fora (MG), conheci um servente chamado Antônio Rabecca. Com o nosso convívio diário, passamos a ser grandes amigos. Freqüentávamos bailes, participávamos de ensaios de escolas de samba e, algumas vezes, saíamos para beber com os demais médicos e acadêmicos. Antônio gostava muito de beber, mas nunca se excedeu. Com o tempo ele passou de servente para telefonista: um telefonista diferente, brincalhão, que tinha a estima de todos os médicos. Grande parte do seu prestígio vinha de uma certa modéstia que nunca chegou a ser piegas. No dia 11 de julho de 1970 ele sofreu uma queda no interior do pronto-socorro, batendo com a cabeça no solo. Como o caso era grave, ele foi transferido para a santa casa onde morreu dois dias depois. Eu não sabia de nada, pois estava afastado do serviço há um mês, em lua-de-mel. Na madrugada do dia 13, eu dormia tranqüilamente, quando ouvi alguém bater na janela. Considerei o fato estranho, pois moro em um apartamento. Assim mesmo levantei-me e fui verificar, pois as batidas tinham sido fortes. Como não vi nada, voltei para a cama. De passagem pela cômoda, olhei para o relógio e este marcava 4 h 15 min. Dormi. Na manhã seguinte fui acordado por um amigo que veio trazer a notícia da morte do servente. Perguntei a que horas tinha acontecido (não sei por que esta pergunta) e ele respondeu: 4 h 15 min. Pode ter sido apenas uma simples coincidência. Para mim, entretanto, foi o grande adeus de um amigo, não o último."

Esta seção vai contar, todos os meses, fatos estranhos, sobrenaturais, coincidências espantosas, pequenas aventuras que a lógica e o raciocínio humano não conseguem explicar, suficientemente. Se você viveu algum "caso maldito", ouviu falar de um, conhece alguém que esteve envolvido num fato além da imaginação, escreva para PLANETA, av. Paulista, 2.006, 15º andar, São Paulo.

Arigó, o cirurgião da faca enferrujada: um estudo sobre o famoso sensitivo de Congonhas. O que era o seu poder?

Texto e fotos de Jorge Rizzini

Um livro sobre Arigó está encantando o público norte-americano interessado em pesquisas sobre poderes paranormais. Trata-se de *Arigó, o Cirurgião da Faca Enferrujada*, de John Fuller. O livro narra as investigações que cientistas e pesquisadores fizeram em torno dos trabalhos de Arigó, principalmente a que foi desenvolvida por Puharich. É uma espécie de revisão de conceitos em torno do sensitivo de Congonhas do Campo, uma reavaliação de seus poderes. O livro traz uma dezena de grandes casos, inclusive o de uma das filhas do ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Arigó, o Cirurgião da Faca Enferrujada está emocionando o público norte-americano, não porque John Fuller seja um dos mais notáveis jornalistas dos Estados Unidos ou porque algumas de suas peças teatrais foram encenadas na Broadway com enorme sucesso, mas pelo fato de que em suas páginas está contada a incrível operação que o médium de Congonhas do Campo fez no braço de um cientista da NASA, o dr. Andrija Puharich (a respeito, ver o n.º 29 de *Planeta*). Ora, as fotografias e o relato impressionante dessa cirurgia mediúnica em um dos mais conhecidos homens da ciência americana (cirurgia feita nas condições mais precárias e com êxito absoluto) dão, evidentemente, às outras intervenções cirúrgicas narradas por John Fuller, validade total. E a obra convence, ainda, por trazer depoimentos importantíssimos, como o do próprio Andrija Puharich, líder da equipe de médicos americanos que veio ao Brasil examinar Arigó. Não obstante bem documentado o livro, John Fuller precaveu-se contra os céticos, não fosse ele um jornalista experimentado. Ele tem em seu poder cópia de um filme colorido que mostra operações do médium. Esse documentário em 8 milímetros foi realizado por este autor e cedido a Puharich, como material de estudo, por ocasião de nosso encontro em Nova York. Tanto Fuller como os cientistas da NASA que estudaram Arigó defendem a tese espiritualista e os debates públicos se sucedem.

Para os leitores brasileiros a força maior do livro de Fuller está, particularmente, nos detalhes, sempre substanciais. Esses detalhes jogam luz em certas passagens da vida de Arigó e fazem com que o médium surja vivo diante dos leitores, como veremos na narração do encontro de William Belk (presidente de uma fundação parapsicológica norte-americana) e de Puharich com Arigó, em 1965. Arigó estava, então, no apogeu de suas forças mediúnicas.

A faca de Arigó e o espanto americano

Terminada a oração, Arigó virou-se rapidamente e dirigiu-se para sua saiinha, fechando a porta. Alguns dos pacientes mexiam-se constrangidos em seus bancos, e outros começaram a conversar em voz baixa. Duas assistentes jovens e mulatas puseram-se a andar pela sala formando as filas ao longo das paredes, de frente para o compartimento onde Arigó começaria suas consultas. Do lado de fora da sala via-se a um canto um auxiliar de olhos tristes, falando baixo, que, sentado em frente a uma antiquada máquina de escrever, esperava que começasse a atividade matinal. Belk e Puharich não compreendiam bem suas funções. Tampouco sabiam o que esperavam em relação a Arigó, que entrara sozinho naquela salinha. Mas após alguns momentos ele tornou a voltar muito animado. Parecia uma pessoa completamente diferente. Mantinha a cabeça alta, quase arrogante. Antes de entrar para a sua salinha tinha os olhos muito ardentes e penetrantes, mas agora, embora o olhar continuasse intenso, tinha algo de distante, quase como se estivesse fora de foco. Seus olhos brilhavam na luz pálida da sala. Começou a falar em tom ríspido, como um oficial prussiano. Os intérpretes notaram que seu acento tornara-se germânico, áspero e gutural. E com autoridade dirigiu-se a Puharich e Belk, ordenando-lhes: — "Venham!" Conduziu-os à sua sala que estava agora com a porta escancarada. As assistentes providenciaram para que as filas se movimentassem,

e as pessoas entrassem para aquele compartimento, onde doze pacientes tomaram posição. Arigó ordenou sumariamente que os dois americanos ficassem em pé ao lado da mesa.

— "Aqui não há nada para ser escondido" — disse ele — "e fico muito satisfeito por tê-los como observadores" — acrescentou Arigó com a convicção de um general alemão, quase que em desacordo com a sua primeira atitude rústica.

De repente e sem cerimônia pegou bruscamente o primeiro que se encontrava na fila — um homem idoso, bem vestido com um terno cinza impecável. Agarrando-o firmemente pelo ombro, segurou-o contra a parede, bem por baixo de um cartaz onde estava escrito "Pense em Jesus". Puharich, que estava ao lado do homem, ficou espantado, imaginando o que se seguiria. Logo após e sem pronunciar uma palavra, Arigó pegou uma faquinha medindo cerca de 4 polegadas com o cabo de madeira e a lâmina de aço inoxidável, enterrando-a completamente no olho esquerdo do paciente, por baixo da pálpebra e mergulhando-a profundamente na órbita. Apesar dos vários anos de prática médica, Puharich ficou chocado e perplexo, e seu espanto aumentou ainda mais quando Arigó começou a raspar a faca entre o globo ocular e a parte interna da pálpebra, comprimindo para cima e com uma força insensata o seio sinovial. O paciente estava perfeitamente acordado e consciente, não demonstrando qualquer espécie de medo. Não se mexeu nem recuou.

Mas um dos presentes desmaiou. Em seguida, Arigó, fazendo um movimento de alavanca, fez o olho saltar da órbita. O paciente, ainda calmo, parecia apenas incomodado devido a uma mosca que pousara em sua face. E no momento em que seu olho foi literalmente expelido da órbita, ele tranqüilamente espantou a mosca. Enquanto fazia aqueles movimentos, Arigó mal olhava para o que estava realizando, e num determinado momento virou-se para dirigir a palavra a um dos assistentes, enquanto sua mão continuava a raspar e enterrar a faquinha. Em outro momento, ele afastou-se do paciente, deixando pendurada a metade da faca no olho. E voltou-se, de súbito, para Puharich e pediu-lhe que colocasse o dedo sobre a pálpebra, a fim de sentir a ponta da faca sob a pele. Naquele instante o médico americano estava quase em estado de choque, mas obedeceu, sentindo nitidamente a faca através da pele. Para Puharich aquilo que presenciava violava todas as técnicas médicas que aprendera em Northwestern. E para Belk, que estudara psicologia em Duke, aquele procedimento era simplesmente inconcebível. Sentia-se de pernas bambas e nauseado. Após alguns momentos, Arigó retirou a faquinha do olho e a extremidade da mesma estava cheia de pus. Ele observou aquilo com uma satisfação visível, e muito sem cerimônia limpou a faca na camisa esporte e despediu o paciente, dizendo: — "Você ficará bom, meu amigo".

O depoimento de Puharich

A cena realizara-se tão depressa, que nem Puharich ou Belk tiveram tempo de raciocinar. Puharich, no entanto, foi pelo menos capaz de interceptar os passos do primeiro paciente, para examinar o olho operado. Não havia laceração, nem vermelhidão, e tampouco qualquer sinal de irritação.

Lembrando-se mais tarde da cena, Puharich se expressou: — Foi a primeira vez que presenciei cenas daquela espécie. Desde o

momento em que um paciente levantava-se até que saía, ele ou recebia uma receita ou era submetido a uma intervenção e retirava-se sem demonstrar nenhum sinal de dor ou sofrimento. Arigó nunca falava muito a respeito de qualquer coisa. Pareceu-me viver um pesadelo. Belk e eu nos olhávamos em silêncio. Tínhamos realmente a impressão de estarmos num ambiente de ficção científica. Belk, que não era médico, finalmente teve de retirar-se daquela salinha. Eu continuei a observar. Aquilo tudo exercia um certo fascínio. Aquelas pessoas se aproximavam de Arigó, e todas eram doentes. Um dos homens ali presentes tinha um bócio enorme. Arigó pegou a faquinha, fez uma incisão retirando o bócio, sacudiu-o na mão, enxugou a incisão com um pedaço de algodão, e o paciente retirou-se. O ferimento nem sequer sangrara. Arigó trabalhava tão depressa que era impossível acercar-me de um paciente antes que se retirasse. E ficava com medo de falar com um deles logo após tratado, porque receava perder o que se seguiria. Aquela primeira exibição de Arigó era demasiadamente fantástica para que se pudesse compreender.

Puharich operado por Arigó

Puharich lembrara-se de um tumor benigno bastante grande e incômodo que tinha na parte interna do cotovelo direito, conhecido pelo nome de lipoma. Não era perigoso, e nos últimos dois anos já fora examinado pelo seu médico, dr. Sidney Krebs, de Nova York. Do ponto de vista médico um lipoma é um tumor gorduroso, que, quando examinado, gira livremente sob a pele. Não se conhece sua origem. O tumor de Puharich já se havia formado há sete anos, medindo cerca de 0,5 polegada de altura, 0,5 de largura e 1,5 de comprimento. Seu médico sugerira operá-lo, o que não representava nenhum risco. Esta operação raramente pode ser feita no consultório médico, pois requer uma esterilização perfeita numa sala de cirurgia, bem como a habitual assepsia na área do tumor.

O processo cirúrgico inclui a incisão no tecido gorduroso, a abertura da mesma com dois afastadores, o uso de hemostáticos e a cauterização dos vasos sanguíneos, a fim de verificar-se o sangramento para obter-se uma visibilidade perfeita. Geralmente, prende-se o tumor com um clampe, para que o mesmo possa ser cortado livremente com um bisturi. A incisão é depois suturada. Para evitar-se uma infecção, emprega-se evidentemente anti-sépticos e antibióticos. Sem isso, poderia advir uma septicemia, ou seja, envenenamento do sangue. Um cirurgião comum necessita de quinze a vinte minutos para completar a operação. No caso de Puharich, o tumor estava situado diretamente sobre o nervo cubital, que controla o movimento da mão, bem como sobre a artéria braquial situada nas imediações, representando outra espécie de complicação. E foi por esses motivos que ele não se decidira ainda a operar o tumor, e uma vez que aquilo não o deixava incapacitado, aprendera a viver com ele.

Mas Puharich pediu ao intérprete que dissesse a Arigó que estava resolvido a deixá-lo operar seu braço... Aquele pedido repercutiu pela sala repleta, verificando-se um silêncio de expectativa entre os pacientes. O médico americano tornara-se igual a eles. Arigó rindo e atirando a cabeça para trás, disse que evidentemente estava pronto para fazer o que ele lhe pedira. E, virando-se de repente para a multidão, perguntou: — "Algum de vocês tem um bom canivete brasileiro para cortar este americano?"

lhadamente.
Uma mulher aproximou-se dele. Arigó, após lançar-lhe um rápido olhar, disse aos americanos que poderiam verificar ter ela a pressão sanguínea de 230 sistólica e 140 diastólica. Ao tirarem a pressão com o aparelho Tycos, a leitura provou estar ele com a razão.
Logo a seguir havia um homem na fila. Ele indicou sintomas de uma insuficiência congestiva do coração, com dispnéia, e também estase da veia jugular externa. Imediatamente Arigó disse aos cientistas: — "Este homem sofre de uma hipertensão renal com pressão sistólica de 280".
O exame feito pelos médicos americanos e o histórico do caso fornecido pelo próprio médico do paciente confirmaram aquela pressão bem como a doença.
O homem que veio em seguida contou sua história para Arigó. Disse que sofria devido a um parasita. Arigó, após olhá-lo fixamente, virou-se para os americanos e exclamou: — "Não! Este homem pela Reação de Wasserman deve ter quatro cruzes, e o diagnóstico é sífilis e não doença de Chagas".
Isto foi confirmado tanto pela anamnese apresentada pelo médico do paciente como pela posterior Reação de Wasserman. Parecia difícil enganar Arigó.
Durante dias os médicos americanos continuaram observando e anotando os diagnósticos de Arigó. As estatísticas combinavam com aquelas feitas anteriormente pelo dr. Puharich, e continuaram mantendo-se assim à medida que Arigó ia atendendo a fila na proporção de um paciente por minuto. Paul Jones, o fotógrafo da expedição, aproximou-se da mesa para perguntar alguma coisa a Puharich. Arigó obrigou-o a parar e pegando seu braço, disse-lhe: — "Anda tomando remédio demais!"
Os americanos riram porque sabiam que Jones costumava carregar uma quantidade deles...
A menina Maria Cristina Faleiro foi levada pelos pais até Arigó. Sofria de leucemia. Começou a tomar os medicamentos indicados pelo médium no dia 22 de maio. No dia 18 de junho a contagem dos glóbulos brancos declinara de 75 mil para 20 mil; cerca de 12 mil acima do normal. Fora uma queda espantosa, inacreditável. Em 5 de julho, menos de um mês depois, a contagem dos glóbulos brancos caiu para 10 mil. Em 7 de agosto, caíra abaixo da taxa normal de 7 500, e o sistema ganglionar da garota normalizara-se, o que foi verificado pela equipe americana de médicos. Houve vários outros casos de leucemia acompanhados por uma documentação similar. Em todos eles Arigó declarou que agira simplesmente obedecendo àquilo que "a voz" lhe ordenara fazer.

A cura da filha de Juscelino Kubitschek

A equipe americana havia planejado tudo para a pesquisa junto a Arigó, mas se esquecera de um detalhe capaz de impedir o prosseguimento dos trabalhos: a chegada dos repórteres de Belo Horizonte, São Paulo e Rio. E quando a imprensa falada e escrita invadiu Congonhas do Campo à procura dos cientistas americanos, Puharich compreendeu que era chegada a hora de regressar a Nova York, mesmo com a pesquisa incompleta.
As narrativas de John Fuller oferecem detalhes preciosos que completam certas passagens da vida de Arigó. Entre essas passagens há que se destacar a do encontro de Kubitschek com o sensitivo de Congonhas, que lhe curou a filha. O encontro verificou-se em

Congonhas por ocasião de uma campanha eleitoral. Kubitschek ficou tão impressionado ao ver Arigó em ação que ele e a esposa aceitaram o convite do médium para almoçarem em sua casa. Ambos naquele dia iniciaram uma amizade que durou anos, e que se tornou decisiva para Kubitschek quando uma de suas filhas teve que ser levada aos Estados Unidos para submeter-se a uma operação da coluna vertebral em conseqüência de uma deformação. A operação foi tão melindrosa que a moça teve que permanecer completamente imóvel durante meses. A respeito, eis o depoimento do próprio Kubitschek (obtido por Fuller, em Nova York). "E por causa disso, ao regressar ao Rio estava com duas pedras enormes no rim. Minha esposa, muito nervosa, pois esta complicação podia originar uma situação que talvez fosse fatal, perguntou-me se eu não poderia pedir a Arigó que viesse ao Rio, a fim de fazer alguma coisa por nossa filha.

Análise de Puharich sobre o caso Arigó

Concordei, e telefonei para ele. Contei-lhe que nossa filha estava muito doente, mas não lhe disse do que se tratava. De Congonhas do Campo ao Rio demora-se seis horas, mas logo na tarde seguinte ele chegava à nossa casa e, sem sequer dar-me uma chance para contar-lhe o que ocorria, entregou-me uma receita escrita num pedaço de papel qualquer. Sendo médico compreendi que se tratava de um remédio específico para eliminar as pedras. Mas como poderia ele ter adivinhado o que estava acontecendo com ela? Como não exercesse a minha profissão há algum tempo, levei-a ao meu médico para que a examinasse. Ele me disse que não a considerava muito eficiente, mas que não haveria nenhum mal em experimentar. As receitas de Arigó eram conhecidas por terem um efeito que ultrapassava seus próprios limites. Ela tomou o remédio e ficou completamente curada".

Desejo apresentar aqui (escreve Andrija Puharich) uma interpretação pessoal do que Arigó representa para mim. Para compreender isso, terão que sentir como teria sido se pudessem estar no "interior" de Arigó. Comecemos num nível elementar, isto é, a impressão da mão de Arigó enquanto ele realizava uma operação. Se pegarmos uma faca comum, com a qual passamos manteiga no pão, e delicadamente passarmos a parte afiada em cima de nossa pele, talvez possamos imaginar como age ela na mão de quem a movimenta. Poderão perceber que existe uma graduação da pressão que pode ser aplicada, e que aplicando esta pressão ela causa uma sensação de força produzida pelo atrito, resistência dos tecidos sendo cortados, controle do movimento da faca, e assim por diante. Poderão perceber todas estas nuanças da sensação de uma faca bem amolada, empregando-a sobre outros materiais, por exemplo, os que são usados na cozinha. Resumindo, vocês aprenderão aquilo que todo cirurgião aprende — a sensação de uma faca em nossa mão contra um tecido. Eu conhecia profundamente esta sensação de uma faca em minha mão, quando era usada numa cirurgia, tanto num ser humano, como em um animal. Um dia, quando estava em pé ao lado de Arigó na clínica de Congonhas do Campo, ele pediu a um paciente para que se encostasse à parede — um homem podendo ter uns 45 anos. Altamiro, o assistente de Arigó, estendeu-lhe uma faca de cozinha com lâmina inoxidável e afiada. Ele pegou a minha mão direita e colocou o cabo da faca dentro dela, apertando-a com a dele. E em seguida dirigiu minha mão para o olho

do paciente, ordenando-me que encostasse a faca na órbita do olho. Segui suas ordens e introduzi a faca entre o globo ocular e a pálpebra superior. E ao fazer isto, minha mão ficou completamente frouxa e não pude continuar. Eu me sentia apavorado pensando que poderia cortar o globo ocular, causando assim um dano irreparável ao paciente. Arigó novamente agarrou minha mão e disse: "Vamos! Prossiga! Seja um homem!" Aquela ordem incutiu-me a coragem de que precisava. Meu temor desapareceu, enquanto introduzia a faca profundamente na órbita. Eu já recuperara todo o meu controle. E enquanto movimentava a faca nas profundezas da órbita, fiquei maravilhado ao sentir que aquilo não me causava aquela sensação tão minha conhecida ao cortar qualquer tecido com meu bisturi. Para que possam sentir o mesmo que senti, façam uma experiência. Peguem dois magnetos e vejam que tenham os mesmos pólos. Em seguida agarrem um em cada mão e encostem os pólos iguais um no outro. Sentirão, então, as forças de repulsão entre os dois pólos iguais aos magnetos. Esta é uma sensação completamente diferente daquela que devem ter sentido com a faca de passar manteiga no pão, quando passada na pele.

E naquele momento, ao movimentar a faca nos tecidos do globo ocular e a órbita, senti uma força repulsiva entre os tecidos e a faca. Não importava a força que eu empregava, verifica-se uma força igual e oposta agindo sobre minha faca, evitando que ela atingisse os tecidos. E nesta força de repulsão residia o segredo de ninguém sentir dor quando Arigó fazia seu famoso "exame de olho". Meu paciente também não sentiu nenhuma dor, enquanto eu fazia todos aqueles movimentos.

É evidente para mim que Arigó podia controlar aquela força repulsiva, para assim prosseguir cortando o tecido. Isso forçosamente deveria causar dor, mas todos sabiam que Arigó não deixava que se sentisse dor. E conforme eu e outros observamos, ele podia cortar tecidos sem usar a parte afiada de uma faca. Freqüentemente ele cortava com a parte cega. E também foi confirmado que ele num caso urgente cortou os tecidos sem empregar uma faca. Nestas ocasiões raras, ele usava suas próprias mãos e dedos para abrir os tecidos. A minha opinião é que o agente que cortava era a força repulsiva, e não a faca ou seus dedos. Não faço a mínima idéia a respeito desta força repulsiva. Mas, pelas medidas no campo da eletricidade, por mim verificadas ao tratar do caso Arigó (eletroencefalograma, eletrocardiograma e GSR — Galvanic Skin Response), não creio que esta força repulsiva faça parte do espectro eletromagnético. Creio que seja uma forma conhecida de energia da vida.

Mas em setembro de 1967 vim ao Brasil para continuar meus estudos sobre Arigó. Eu o tinha visto muitas vezes, desde aquela ocasião em que operara meu lipoma em 1963, e nunca me passara pela cabeça pedir-lhe qualquer opinião clínica sobre mim mesmo. Um dia em que estávamos trabalhando juntos, ele virou-se de repente e disse:

— "Você tem uma otosclerose".

Eu repliquei:

— "Nada sei a este respeito, mas tenho uma infecção crônica e secreção em meu ouvido esquerdo devido a uma colesteatoma".

Arigó contestou:

— "Sim, já sofre disto há muito tempo, mas a otosclerose é recente. Procure ver isso quando voltar à sua terra. Dar-lhe-ei uma receita que curará as duas coisas".

E em trinta segundos ele apresentou-me a

seguinte receita:
1.º Tratamento: Três vidros de Micotir (vide a bula). Três vidros de Hepadesicol (tomar duas drágeas após cada refeição). Quinze ampolas de Gabromicina (aplicar no músculo de 24 em 24 dias).
2.º Tratamento: Quarenta ampolas de Olobintin (aplicar no músculo de dois em dois dias). Vinte ampolas de Bituelve R, de 1 000 (aplicar no músculo de três em três dias).
Não há muita necessidade de explicar os itens indicados no primeiro tratamento, exceto para dizer que o primeiro remédio era uma solução para pingar no ouvido, o segundo sais de bílis, e o terceiro, Gabromicina, uma forma primitiva da estreptomicina, não sendo mais receitada pelos médicos.
Quando voltei aos Estados Unidos pedi à audiologista de meu laboratório para que fizesse um teste comigo usando meu audiômetro. E ao terminar ela voluntariamente apresentou seu diagnóstico: "O senhor tem uma otosclerose". Verifiquei os audiogramas. Arigó tinha razão. Realmente tinha uma otosclerose, o endurecimento de um tecido sobre os pequenos ossos do ouvido. E então decidi que começaria a tomar os remédios receitados por ele.
Devido ao meu horário peculiar de trabalho, era mais fácil eu mesmo aplicar as injeções antes de deitar-me todas as noites. Iniciei o primeiro tratamento no dia 7 de outubro de 1967. Quero dizer, comecei aplicando a injeção de Gabromicina e a tomar os medicamentos. No dia 14 de outubro tive uma reação devido àquela espécie de estreptomicina. Sentia um intumescimento e muita sensibilidade nas palmas das mãos, na sola e nos dedos dos pés. E assim suspendi as injeções enquanto se verificou aquela reação alérgica. Aproximadamente no dia 25 de outubro, encontrava-me de novo em boas condições para iniciar o segundo tratamento, o qual terminei em 11 de janeiro de 1968. Nesta época já não tinha mais a secreção do ouvido, que tanto me importunara durante toda a minha vida. Após seis meses, meus audiogramas demonstraram que minha otosclerose tinha desaparecido, e minha audição melhorara.
Em 11 de janeiro de 1971, estava trabalhando em meu escritório na Intelectron Corporation, na cidade de Nova York, quando o telefone soou. Era uma voz de mulher, cujo nome não me recordo agora.
— Doutor, recebi um telefonema de uma estação de TV do Rio de Janeiro, Brasil, pedindo para que o senhor faça um comentário sobre a morte de Arigó.
Fiquei pensando que não era possível que um homem como Arigó, o maior curador do mundo, tivesse morrido! Era demasiadamente jovem, cheio de vida. Além disto, era a esperança de milhares, talvez de milhões de pessoas que o procuravam como sendo a testemunha de poderes superiores. Forçosamente, ela se enganara. Precisava descobrir Telefonei aos meus amigos no Brasil, que me confirmaram aquela notícia pavorosa. Arigó morrera num acidente automobilístico. Fiquei arrasado. Cheguei a algumas conclusões pessoais muito fortes. A primeira era que eu falhara tanto com Arigó como com a humanidade, por não completar os meus estudos a respeito dos tratamentos que ele fazia. Compreendi que deveria ter abandonado os outros trabalhos em 1963, e concentrar todos os meus esforços unicamente nele. Tinha certeza de que nunca mais haveria um outro Arigó em toda minha vida. Caso aparecesse, eu não haveria de fracassar na próxima vez.

JDP

JORNAL DE PLANETA

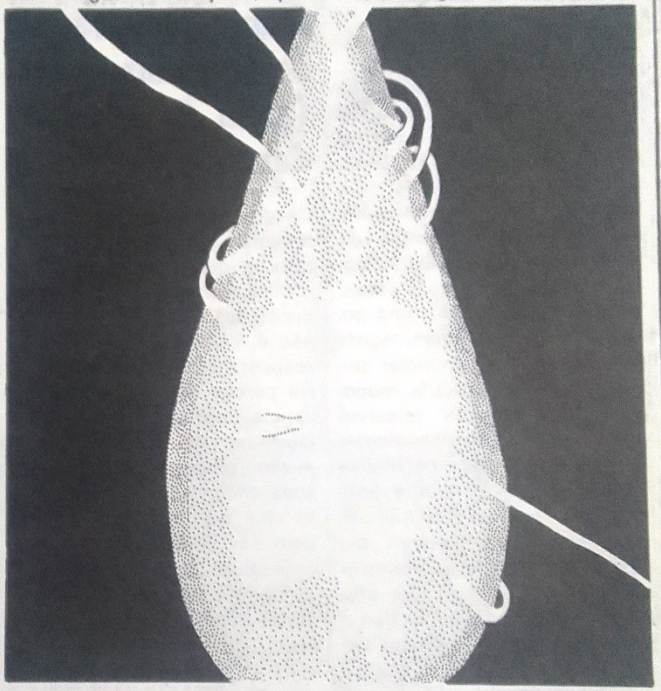
O MUNDO QUE O HOMEM VÊ SEM ESPANTO

Silêncio prejudicial e ruído perigoso

Sabe-se que ambientes absolutamente silenciosos são prejudiciais ao trabalho, provocando distrações e até náuseas agudas. Mesmo os treinadíssimos astronautas tornam-se irritados quando colocados, por longos períodos, em câmaras absolutamente silenciosas. É por isso que em suas naves eles sempre levam fitas gravadas com músicas suaves. Mas o excesso de ruído, além de prejudicial, pode ser perigoso. A Academia de Medicina Francesa provou que uma redução de 20 decibéis no nível de ruído normal de um escritório resulta num aumento de rendimento da ordem de 9%, fazendo diminuir em 20% o número de erros ortográficos. Nos Estados Unidos calcula-se que 4 milhões de dólares são perdidos anualmente pelo baixo rendimento de empresas muito barulhentas, onde os funcionários não se sentem à vontade. Resta saber qual o nível de barulho ideal para um escritório.

O líquido que conservou o príncipe

Ao norte da República Popular da China, entre a Mongólia e a Manchúria, foi recentemente descoberto o corpo de um homem de cinqüenta anos em estado de perfeita conservação. Feitas todas as pesquisas e exames, pode-se precisar que o homem era um príncipe da antiga dinastia dos Hans — que reinou do 2.º século a.C., ao 3.º d.C. —, morto há aproximadamente 2 140 anos. O corpo foi encontrado mergulhado num curioso líquido vermelho-escuro, e apresenta as vísceras do cadáver em tal estado de perfeição que é como se o homem tivesse morrido há apenas algumas horas. Para os químicos que vêm estudando o líquido, a mistura é um verdadeiro desafio, cujo mistério talvez nunca venha a ser satisfatoriamente esclarecido. Até o momento, tudo não passa de apenas mais um nó de perplexidade na já complexa e imensa teia de mistérios das antigas civilizações, que definitivamente parecem ter conhecido fórmulas e segredos aos quais nenhum "desenvolvimento" contemporâneo consegue ter acesso.



O mistério da esclerose múltipla

Médicos ingleses estão tentando descobrir por que a esclerose múltipla é freqüente na Escócia e no Norte da Inglaterra, mas bastante rara no Japão. Só na Inglaterra, as despesas anuais com essa doença sobem a 30 milhões de libras esterlinas. Como sua causa é desconhecida, os cientistas estão recorrendo ao método estatístico num esforço para descobrir qualquer ligação entre a ocorrência do mal e os fatores geográficos, climatológicos, alimentícios, ou costumes das pessoas dos locais mais antigos do mundo. A esclerose múltipla, também conhecida como esclerose disseminada, é um dos grandes mistérios da ciência médica, ainda sem solução.

JDP

Robô-animal para substituir mergulhadores

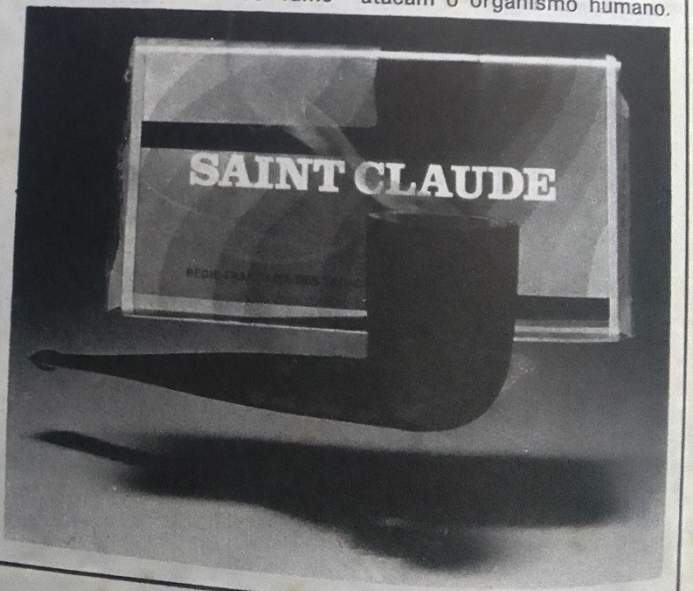
"Pode-se dirigir um automóvel contra um muro de tijolos. Mas, se tentarmos fazer o mesmo com um cavalo, seu instinto o faz parar", afirmou o prof. Robin Popplestone, da Escola de Inteligências Artificiais e Lógica de Computador da Universidade de Edimburgo, Inglaterra, responsável pela criação de um robô com dedos de aço, câmaras de televisão no lugar dos olhos e capaz de montar com perfeição as diversas peças de um instrumento. "Estamos, em essência, tentando dar aos nossos autômatos algo semelhante ao instinto animal." Os robôs com reações animais serão usados em perigosas missões submarinas.

O destino viaja de táxi?

No dia 16 de julho do ano passado, na cidade de Hamilton, Bermudas, um jovem de dezessete anos, Neville Ebbin, andando de bicicleta, foi atropelado por um táxi, morrendo cinqüenta minutos depois, no hospital, em conseqüência dos ferimentos. Nada de extraordinário, naturalmente. A questão é que exatamente um ano depois, no dia 16 de julho deste ano, Erskine Lawrence Ebbin, andando na bicicleta do irmão morto, foi atropelado pelo mesmo táxi, dirigido pelo mesmo motorista. Transportado ao mesmo hospital que Neville, Erskine morreu cinqüenta minutos depois do acidente, em conseqüência dos ferimentos.

Tabaco: amigo ou inimigo?

O fumo poderá em breve mudar sua imagem, transformando-se de grande inimigo num importante protetor para a saúde da humanidade. É que o prof. R. L. Wain e sua equipe, do Wye College, de Londres, descobriram que o fumo pode combater uma praga de fungo — a ferrugem — que causa sérios danos às lavouras do mundo inteiro. Através de suas folhas o tabaco expele um fungicida natural que não causa danos às plantas. Lavouras de feijão ou trigo pulverizadas com uma solução que contenha 0,01 dos compostos químicos do fumo tornam-se quase imunes à praga. O trabalho revelou sua faceta inesperada: é possível que certas substâncias do fumo sejam valiosas no tratamento de infecções de fungos que atacam o organismo humano.



A poluição mais assustadora que nunca

Cerca de 35 mil franceses trabalham atualmente nos programas de combate à poluição e de tratamento dos dejetos industriais e urbanos. Mesmo assim, eles não conseguem combater senão um terço do total dos elementos nocivos lançados aos rios e lagos. Segundo análise recente, uma cidade média, de 1 milhão de habitantes, lança por dia mil metros cúbicos de dejetos químicos nos rios vizinhos. São detritos urbanos, não industriais. As indústrias, por sua vez, lançam 11 milhões de toneladas anuais de dejetos químicos nos rios franceses, apesar dos intensivos programas de combate à poluição e de tratamento dos dejetos industriais. É interessante notar que a França ocupa uma área semelhante à do Estado de São Paulo, e que o Brasil só agora começa a tomar medidas sérias para combater o lançamento de produtos industriais e urbanos nos rios e lagos.

Os anjos da Austrália?

Se por um lado existem "explicações" técnicas, por outro não deixa de ser enigmático um fato que vem ocorrendo cada vez com maior freqüência na Austrália: formas semelhantes a "anjos" têm perturbado continuamente as imagens de radares australianos, notadamente nos aeroportos, chegando mesmo, muitas vezes, a perturbar a tal ponto que o tráfego aéreo precisa ser totalmente interrompido. A tendência tem sido explicar esses "anjos" como sendo nuvens de insetos ou estranhos bandos de pássaros que voam compactamente, tomando assim essas formas bizarras. Mas como a explicação não vem se mostrando nada satisfatória, as autoridades australianas resolveram instalar radares especiais, destinados exclusivamente à caça dos "anjos", para efeito de estudos mais detalhados a partir da imagem que possa vir a ser captada. O fenômeno repete-se sempre no verão, e os "anjos" têm preferência pelas regiões mais verdes, fugindo sempre dos oceanos. Por enquanto o enigma, agora enfrentado cientificamente, continua gerando centenas de suposições que se voltam para os extraterrestres.